

Quem quiser saber mais sobre a Mongólia, visite o site [www.mongol.com.br](http://www.mongol.com.br) ou escreva para [info@mongol.com.br](mailto:info@mongol.com.br).  
Lago Terkhiin Tsagaan Nuur, também conhecido como "Grande Lago Branco". Ele fica congelado de dezembro a março. Ao lado, amanhecer na vila nômade mais próxima, protegida do vento pelas montanhas Khangai. Eles migrarão quando o lago começar a degelar.

Lago Terkhiin Tsagaan Nuur, também conhecido como "Grande Lago Branco". Ele fica congelado de dezembro a março. Ao lado, amanhecer na vila nômade mais próxima, protegida do vento pelas montanhas Khangai. Eles migrarão quando o lago começar a degelar.



# O QUE EU FUI FAZER NA MONGÓLIA

Neve, comidas estranhas, um idioma incompreensível... A escritora Camila Appel enfrentou tudo isso para conhecer o país que fica apertado entre Rússia e China. Trouxe na bagagem muitas aventuras e a lembrança de um povo sorridente e acolhedor.





“Mas o que é que você vai fazer na Mongólia?” Foi assim que uma amiga reagiu quando contei qual seria o meu destino. Ela fechou os olhos para lembrar onde fica o país. “Ah, em algum lugar da Ásia... na fronteira com a China? Não é de lá que vem o Gengis Khan? Já vi um filme... com uns cavalos baixinhos e um império sanguinário que não deixava ninguém vivo para contar história. Do que eles sobrevivem? Tem energia elétrica?” Pois foi atrás de respostas para essas perguntas que eu fui parar na Mongólia. E acabei voltando com muitas outras questões. Antes de partir, fiz uma pesquisa rápida no *Lonely Planet Mongólia* e fiquei surpresa. A taxa de alfabetização chega a 98% no país que tem a menor densidade populacional do mundo. Se há pouca gente, cavalo tem aos montes – a proporção é de 13 para 1 habitante. Lá, 36% da população vive abaixo da linha da pobreza e 66% moram na capital. Dá para imaginar o vazio que é o resto do país. Viajando pelo interior, não encontrei ninguém num percurso de 500 km. Do que vivem? Da criação e venda de animais, entre

eles o yak (um bichinho peludinho e troncado, parecido com chifres de bode e cara amarrada). Um dos principais produtos de exportações é a lã tipo cashmere, considerada uma das melhores do mundo. E não é à toa que a história do Império Mongol é ensinada nas escolas: no século 13, eles dominaram a maior parte do continente europeu e asiático.

#### A CHEGADA

Normalmente, há dois caminhos para chegar à Mongólia. Um voo de duas horas de Beijing (China) até Ulan Bator (capital da Mongólia) e o trem transiberiano, partindo de Moscou rumo a Beijing, e daí encarando mais 48 horas até a capital num trem comum. Eu optei pelo avião. No aeroporto, tentei me comunicar para explicar que “mala, não veio”. Foi aí que usei, pela primeira vez, o dicionário de imagens, muito útil numa viagem a lugares onde o idioma é incompreensível para os que não são falantes nativos. Mostrei a foto do mochilão, assinei papéis e fui para o albergue considerado o melhor da região pelo meu guia. Foi difícil encontrar o lugar. A sinali- >>



zação das ruas é precária na capital, e, fora dela, inexistente. Afinal, encontrei o endereço, nos fundos de um prédio de cinco andares com cara de escola abandonada. Sem minha mala, comecei a entender o porquê da reputação da boa receptividade mongol. Eles me emprestaram de xampu a meia e até jantar de graça me ofereceram. A comida tradicional é sopa de macarrão com carne de yak. Eles usam colher e garfo, porém, para cortar, só mordendo. A chegada foi conturbada, mas o primeiro dia acabou com um show incrível em uma casa de cultura. Dança, música, teatro com máscaras e acrobacias. O movimento do corpo, a voz e os instrumentos pareciam uma mescla de russo, chinês, tailandês e indiano. O povo da Mongólia é fascinado por programas tipo caça-talentos e todas as televisões que eu vi estavam sintonizadas em algum deles, com adolescentes cantando e dançando para uma plateia... e sonhando em ser famosos.

## O PRIMEIRO PERCURSO

Tomei o rumo de Kharkhorin, a antiga capital, destruída pelo domínio soviético, que se estendeu dos anos 20 até a década de 90. Hoje, é uma pequena cidade perdida no meio do nada, entre montanhas rochosas, a 360 km de Ulan Bator. Numa minivan com espaço para nove pessoas, se apertavam umas quinze. Três gerações inteiras da mesma família, neta adolescente, mãe e avó, todas muito bem vestidas. As roupas são baratas, compradas num mercadão de importados da China. Botas de couro preto até o joelho e casacos compridos de cores escuras – cinza, verde-escuro e marrom. Estampas, eu só vi na roupa de cama. Nas seis horas de viagem, muitos deles falavam ao celular (me contaram que esse serviço é um dos mais baratos do mundo) e me encaravam sorrindo. Eu mostrava o mapa e apontava o Brasil. Eles não se interessaram muito por isso. Percebi que são curiosos com o estrangeiro, mas parecem satisfeitos com ser o que são.

## O TEMPO

Em Kharkhorin, nota-se primeiramente um vazio. O comunismo colocou abaixo os monumentos budistas e, como o lugar era basicamente isso, hoje parece uma cidade fantasma. Às três da manhã, a dona da casa em que me hospedei bateu à minha porta. Tinha chegado a van que me levaria até Tariat, a cidade mais próxima do fabuloso lago Terkhiin Tsagaan Nuur. Os passageiros se amontoaram para que eu coubesse e partimos para um percurso de 250 km que levaria mais de oito horas. Duas horas de viagem e eu relaxei, a cabeça divagando, os pés tocando os dos companheiros.

Foi quanto tive um estalo: meu passaporte e o dinheiro tinham ficado em Ulan Bator... Fiz a van parar, peguei o dicionário de imagens e apontei: passaporte, dinheiro, lost. Ligaram para a dona da casa, que disse estar com as minhas coisas. Eu gesticulava daqui e dali tentando encontrar uma saída. Perdida no interior de lugar nenhum, sem dinheiro e sem documento? Eles olhavam para aquela gringa dançando com as mãos e riam. Eu, cada vez mais aflita. Até que desisti, aceitei o fato de ter perdido o controle da situação. Nevava muito. Ficamos parados por uma hora. Um bebê de três meses chorando, todo mundo me encarando. Mas todos sorriam. Acabei entendendo que alguém estava trazendo minhas coisas e senti vergonha, pedi desculpas. Mas eles apenas sorriam. Para passar o tempo, mostrei o mapa do mundo, distribui chocolate, tentei me comunicar, perguntei quem era filho de quem. Aos poucos, fui identificando nomes e rostos e me senti próxima deles. A lua cheia em cima da van, zero de iluminação, e eu amontoada com um povo que não fazia ideia de como a minha vida era diferente da deles. Senti amor por ser compreendida, por ninguém reclamar pela espera de uma hora, naquele frio, por uma carteira que continha mais dinheiro do que eles juntavam em anos. Entendi que essa solidariedade é o que aproxima as pessoas e nos dá a certeza de que somos parte do mesmo planeta, de um mesmo sistema e constituídos das mesmas moléculas. A essência é única. O que você vai fazer na Mongólia? Agora, tenho a resposta: me identificar. >>







Acima, a capital Ulan Bator e o monumento do herói da independência da Mongólia sobre a China, em 1921. Ao lado, acrobatas num show performático. Abaixo, entrada para o "Grande Lago Branco"; Amra, morador da vila nômade próxima ao lago e sua curiosa priminha.







A Ger, casa tradicional nômade, por fora e por dentro; detalhe para o fogão a lenha que deixa a casa com 30°C enquanto faz -10°C lá fora; Camila, com a tradicional roupa mongol para proteger do vento e frio, e animais aproveitando o sol do meio-dia.





## OS NÔMADES

“Desculpe, mas eu não sei andar a cavalo. Ah, é só colocar um pé aqui e outro ali? Fantástico. E esse cavalo mongol, com milhares de anos de guerras e conquistas no sangue, vai ter um temperamento, digamos, amigável?” O guia insistiu que sim. Ele não falava inglês, mas lia o medo em mim. Nevava e ele previa uma tempestade para breve. Eu hesitei... mas, já que estamos aqui, não é? O plano era percorrer os arredores do lago Terkhiin Tsagaan Nuur até achar uma tribo nômade que aceitasse me hospedar. Quem sabe um primo do primo do guia, que morava numa vila nômade a cinco horas de cavalgada, me receberia. Mas ninguém sabia dizer se o grupo, por ser nômade, ainda estaria lá. Para prevenir, levamos uma barraca (barraca e tempestade de neve? Hum, péssima combinação!). Depois de seis horas de cavalgada, quando já nem sentia meus pés, avistamos a vila no meio de um vale, protegida do vento e da neve – uma bela visão. Os nômades vivem em tendas chamadas *ger*. Eles escolheram ser nômades para manter viva a cultura ancestral e enfrentar as condições climáticas e geográficas extremas do país. Cada família mora em uma *ger*. Fiquei alojada na tenda do “chefe” da vila. Eles me olhavam, meio encolhida, tomando o chá com leite de cabra para lá de salgado (eu tinha vergonha de pedir água porque alguém teria de ir até o lago congelado pegar). Percebi que falavam de mim com respeito, um respeito pela mulher que eu senti em todo lugar. Acho que isso é fruto do papel histórico que elas sempre tiveram na Mongólia – assim como os homens, foram grandes guerreiras.

## O BANHO

Quando pedi para tomar um banho, a dona da tenda mandou todos embora, aqueceu um balde d'água no fogão a lenha que fica no centro do *ger* e me deu uma bacia. Renasci. A capacidade de adaptação do ser humano é grande, mas eu já estava cansada de exercitar a minha. O fogo é essencial para a vida mongol. Serve para fazer comida, aquecer a casa e o banho. É o centro aglutinador da família, em torno do qual se reúnem e conversam até pegarem no sono. O que falam, eu não sei. Capotei com olhos pretos de ameixa me encarando. Minha experiência nessa vila foi única. Ajudei nos afazeres do dia, cuidando das cabras e dos bodes. À noite, tínhamos de trancá-los num espaço e separar os bebês para irem dormir dentro das *gers*, protegidos do vento e do frio.

## O FIM

No caminho de volta, outra van lotada de estranhos que, ao final do trajeto de 17 horas, já eram velhos conhecidos.

## O país de mulheres guerreiras

Na Mongólia, os mecanismos de submissão de outras culturas, como o enfaixamento dos pés na China e o uso do véu no mundo muçulmano, nunca existiu. Gengis Khan entregou grande parte do seu Império ao comando de suas filhas. Fortes e destemidas, elas brigavam como soldados, cavalgavam, usavam arco e flecha e ainda controlavam exércitos de homens e mulheres. Sorkhokhtani, uma delas, sempre se destacou por suas conquistas a ponto de merecer elogios de um cronista persa. Ele escreveu que, se a história produzisse mais uma só mulher assim, elas deveriam ser consideradas o sexo superior.

Depois da queda do Império Mongol, as mulheres mantiveram o mesmo espírito guerreiro. Mandhai, conhecida como a rainha sábia, conseguiu reunir as diversas tribos em uma única nação. Esse período de conquistas terminou com a construção da Grande Muralha da China, que decidiu se defender de uma vez por todas dos ataques inimigos.

Entre eles, um homem que sentia dor. Vi a mulher aplicar uma injeção nele e jogar a seringa pela janela, sem cerimônias. Ninguém entendia meus protestos, porque lá todo mundo joga tudo pela janela: garrafas, copos, embalagens, juntando lixo pelas estradas. Foi difícil não julgar, mas fiz um exercício de empatia que sempre vale a pena. Quando chegamos à capital, ele foi direto para uma casa, com uma cruz vermelha na entrada, o hospital. Eu fui atrás de um táxi. O motorista não entendia nada, nem minha mímica, mostrando no mapa meu destino. Senti que estava cansada desse esforço de comunicação. Bateu aquele cansaço por causa de muita informação, da comida, do cheiro de yak impregnado em tudo, dos dias sem tomar banho, da pele ressecada, do nariz reclamando da neve...

Estava na hora de voltar. Um dia a gente tem de pôr fim à aventura. Nesse momento começa a saudade do que se viveu. Mas sei que só encerrando uma história podemos nos abrir para outra. As viagens são como relacionamentos, nos colocam em um território estranho, onde nem sempre se fala a mesma língua, mas há disposição para se comunicar. Quando essa disposição desaparece e o novo começa a irritar em vez de motivar, é preciso ir embora. Não demora e o desafio de novas experiências, a vontade de se arriscar e sentir as emoções do inesperado vão reaparecendo. Acho que isso é o que as pessoas chamam de viver.

Texto e fotos • Camila Appel